

Amor: desencontro e solidão, em *Dias perdidos*, de Lúcio Cardoso

Regina Pentagna Petrillo¹

Resumo:

Este artigo aborda na obra *Dias perdidos*, de Lúcio Cardoso, a relação amorosa, vivida pela personagem central do romance. A fundamentação teórica da leitura encontra-se pautada na crítica psicanalítica freudiana.

Palavras-chave: Amor. Crítica psicanalítica. Lúcio Cardoso.

Sommario:

Questo articolo discute *nella obra Dias Perdidos*, di Lúcio Cardoso, un rapporto d'amore, sperimentato dal personaggio centrale del romanzo. La base teorica della lettura si basa sulla critica psicoanalitica freudiana.

Parole chiave: amore, crítica psicoanalítica, Lúcio Cardoso

Ah, o amor que não sabe ter calma e não conhece nenhuma espécie de repouso – antes é uma espécie de febre constante e lúcida. Com o correr do tempo, transforma-se em obsessão sem fundo, um estado agudo, delirante – e que é próprio daqueles que conhecem o nada em que se esfumam todos os sentimentos.

Lúcio Cardoso²

Em *Dias perdidos*, uma tela de amores, anseios e solidões é urdida, unindo, no mesmo cenário ficcional, a província de Vila Velha, no interior de Minas Gerais, o drama das personagens centrais. O romance, dividido em três partes³, apresenta as histórias das personagens ligadas entre si e determinantes uma das outras, sendo impossível separar o drama de um do drama dos demais. Tem-se, nesse sentido, uma estrutura romanesca entrelaçada em que um determinado ato produz consequências que, por sua vez, têm resultados similares aos dos ações iniciais.

Ao pai ausente na primeira parte do romance cabem certos atos que produzem consequências importantes que deflagram grande parte da narrativa.

O romancista tematiza o desejo de realização amorosa enlaçado à fragmentação familiar. Esta mesma miragem persegue a todos, mas cada ser é um universo estanque.

¹ Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professora de Teoria Literária, Literatura Comparada e Literatura Brasileira do CESVA.

² CARDOSO, Lúcio. *Diário completo*. Ob. cit., p. 9.

³ Na primeira parte, relativa ao período de nascimento e infância da personagem Sílvio, tem-se a partida de Jaques, marcando com sua ausência a vida de Clara e do filho e o início de seu amor por Diana. Na segunda, período da adolescência da personagem, tem-se a aproximação entre mãe e filho, o retorno e a morte do pai. Na última parte, fase adulta da vida de Sílvio, o casamento com Diana e a separação, a morte da mãe e fechando o romance a ida de Sílvio para o Rio de Janeiro.

Os inevitáveis interesses e diferenciações pessoais inviabilizam o encontro e, assim, há sempre um que ama e outro que é amado. Sobre o primeiro recaem a renúncia de si e a angústia do desamor e, sobre o segundo, o desinteresse e o cansaço.

Em seu romance, Lúcio sugere que o amor nunca é um sentimento sereno que conduz à felicidade; ao contrário, é uma tentação, que participa da loucura e que leva à ruína da personalidade. Ora conduz aos extremos da paixão desenfreada, ora às águas gélidas da apatia. Entretanto, nada pode aproximar uma criatura da outra a não ser a sensação passageira do desejo ou do interesse amoroso. Mas aplacado o desejo, liquidado o interesse, cada qual se fecha novamente dentro de seu mundo. Em suma, há, no amor, momentos de abdição e de posse, passados os quais uns se revoltam e outros se desiludem. O que resta são as cobranças, a culpa e o eterno vazio da solidão humana.

Com propriedade, Sérgio Millet⁴ diz que se uma tese devesse se desprender de *Dias perdidos* seria a da insolubilidade de um ser em outro e do irremediável isolamento do homem.

A primeira parte da obra tem como drama central a vida de Clara após a partida de Jaques: suas frustrações amorosas, sua insatisfação e solidão.

Moça simples do interior, casara-se com Jaques por amor. Também fora por paixão que ele se ligara a ela.

Maria Rita Kehl afirma que, na relação amorosa, a primeira fantasia que surge é a de restaurar a totalidade ao encontrar este ser que me completa e cujos desejos são os meus desejos e vice-versa. Nesse momento, o eu se identifica com o outro, mas que é um outro eu-mesmo. Ao mesmo tempo, ele me resgata da condição de ser fragmentado em que me encontro (que é a própria condição humana) para me elevar à condição dos deuses: a recuperação da onipotência.

A falta freudiana⁵ ou o anseio andrógino⁶ manifesta-se, no amor, na busca e na permanência do amado. Diz José A. Pessanha:

⁴ MILLET, Sérgio. *Diário crítico* (1940 – 1943). São Paulo: Editora Brasiliense, 1944, p. 288.

⁵ De acordo com Maria Rita Kehl, na vida intrauterina a criança vive a fusão perfeita com o corpo materno. Este estado narcísico da vida intrauterina, que a criança conserva na fantasia nos primeiros meses de vida, tende a desaparecer quando alguma experiência de separação venha desiludi-la. A esta impossibilidade de manutenção do estado narcísico do qual fomos expulsos com o nascimento, a psicanálise chama de castração. Freud começou a utilizar este conceito a partir da observação de fantasias angustiantes de seus pacientes, que expressavam literalmente o medo da perda do pênis, e este foi o primeiro sentido do complexo de castração. As associações pênis-falo/falo-significante da falta nos levam a entender a castração como outro corte: o corte que nos separou da mãe e nos expôs nossa incompletude diante do universo. KEHL, Maria Rita. 'A psicanálise e o domínio das paixões'. In: *Os sentidos da paixão*. 11. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 475, 477.

⁶ Junito Brandão escreve que Platão, no *Banquete*, 189e, 193d, pelos lábios do criativo poeta cômico Aristófanes, faz ampla dissertação a cerca do *andrógynos*. Consoante o filósofo ateniense, outrora nossa natureza era diferente da que vemos hoje. De início havia três sexos humanos, e não apenas dois. O andrógino era um gênero distinto que, pela forma e pelo nome, participava dos dois outros, simultaneamente do masculino e do feminino. (...). Este ser especial formava uma só peça. Esféricos em sua forma e em sua movimentação tornaram-se robustos e audaciosos, chegando até mesmo a ameaçar os deuses com a tentativa de escalar o Olímpo. Face ao perigo iminente, Zeus resolveu castigar o andrógino, cortando-o em duas partes. Desse modo, o senhor dos imortais não só enfraqueceu o ser humano, mas também o fez carente, porque cada uma das metades pôs-se a buscar a outra contrária, numa ânsia e num desejo de se "re-unir" para sempre. Eis aí, consoante Platão, a origem do amor, que as criaturas sentem uma pelas outras: o amor tenta recompor a natureza primitiva, fazendo de dois um só, e, desse modo, restaurar a antiga completude. BRANDÃO, Junito. *Dicionário mítico-etimológico*. 3. ed., Petrópolis: Vozes, 1997, p.p. 64-65, v. I.

“O amor é, assim, fundamentalmente, não busca do semelhante, mas busca da unidade quebrada. Por isso, o amor nasce desse sabor que o ser humano experimenta de falta, de mutilação, de incompletude. O desejo de unir-se ao amado provém dessa sensação de ser apenas parte, metade de um todo.”⁷

Ao encontrar o amor, Clara sente como se houvesse reencontrado a unidade original perdida. No entanto, logo após o casamento, as fantasias amorosas da união completa e perfeita começam a ruir. A personagem vive os primeiros momentos de angústia e de incerteza. Os interesses do marido começam a divergir dos seus.

Por sua vez, também Jaques vive a insatisfação. O amor que sentira por Clara havia se transformado numa prisão odiosa. Encarcerado num relacionamento no qual não possuía mais interesse, anseia por partir, por retornar à sua vida agreste e livre pelo sertão.

Para se completar, com frequência, o ser busca no amor a realização absoluta. O amor não é considerado simplesmente como uma conciliação de opostos ou, ainda, como pura e simples união sexual. Ele é visto como um resgate da plenitude caso se considere que:

“o amor é fundamentalmente um querer ser amado, querer situar-se além de todo o sistema de valores postos pelos outros, como condição de toda valorização e como fundamento objetivo de todos os valores. É a vontade de valer para o outro como o próprio infinito. É preciso que o outro seja livre para querer amar-se e para ver em mim o próprio infinito”.⁸

À medida que o gozo do sujeito enamorado, inclusive por si, aumenta com a posse do objeto amado, ele recupera a plenitude.

Entretanto, para o amor se realizar, é necessário que o outro deixe de ser só para si e saiba equilibrar-se entre o amor por si mesmo e pelo outro. O centramento em si é um obstáculo para que o amor possa estabelecer o sujeito no objeto de seu desejo.

No romance, Jaques é ser impulsivo, um coração viajante em busca de liberdade e de aventura⁹. Como Clara mesmo reconhecia, uma dessas naturezas que só vibram tocadas pelas forças extremas, para as quais não há meio termo: só conhecia o desinteresse completo ou a paixão¹⁰. Tão logo arrefecia o interesse, nada mais lhe importava.

O seu desejo do personagem, exigindo as emoções extremas, a liberdade, o espaço aberto e a perspectiva de aventura, opunha-se ao casamento. Ou melhor, a sua individualidade não viabilizava quaisquer estados duradouros¹¹.

⁷ PESSANHA, José Américo Motta. Platão: as várias faces do amor. In: *Os sentidos da paixão*. 11. ed., São Paulo: Companhia das Letras, p. 94.

⁸ KRISTEVA, J. *Histórias de amor*. Trad. Leda Tenório de Motta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 307.

⁹ CARDOSO, Lúcio. *Dias perdidos*. Ob. cit., pp. 15 e 22.

¹⁰ *Ibidem*, p. 17.

¹¹ Ainda que amor e casamento sejam coisas diferentes e ainda que uma coisa não exclua a outra, há que se ressaltar: era o casamento que Jaques odiava, uma vez que, para ele, significava aprisionamento, impossibilidade de aventura e de liberdade. Tudo a que se opunha a sua individualidade, que amava o intenso e o efêmero. CARDOSO, Lúcio. Ob. cit., pp. 9, 10.

Também é verdade que as fantasias do início de uma relação apaixonada, pautadas na idealização e na identificação, não concedem existência própria aos amantes. Eles se tornam depositários das fantasias mais arcaicas, representantes da possibilidade de restauração da totalidade ou do narcisismo¹² ferido.

No amor, por momentos, o ser vive a própria morte. Entretanto, escreve Kristeva, “o amor é a morte que me faz ser”, pois:

“o sujeito não existe senão por identificar-se com um outro ideal que é o outro (...). Fantasma, formação simbólica para além do espelho, este outro, que é efetivamente do porte de um Senhor, é um pólo de identificação porque não é um objeto de necessidade nem de desejo. Ideal do ego que engloba o Ego pelo amor que esse Ego lhe tem, ele o unifica, freia suas pulsões e faz dele um sujeito. Ego – corpo para a morte, ou ao menos para se postergar, por amor do Outro, e para que Eu seja.”¹³

Também sobre a questão, diz Heráclito:

“O que se opõe a si mesmo ou, mais literalmente, o que se afasta de si próprio, em si se reúne, harmonia de tensões contrárias como o arco e a lira.”¹⁴

O amor é um polo de paradoxos, de empate entre tensões contrárias: vida e morte, encontro e desencontro, eu e o outro. É um momento de felicidade plena e também de intensa angústia, já que os amantes vivem, ao mesmo tempo, a certeza e a insegurança do sentir o outro próximo e distante, do “saber” que o outro pode escapar-lhe, pode não estar “sempre” e não lhe pode dar “tudo”.

Passado o momento de plenitude, quando a paixão, mergulhada em suas fantasias, sofre as primeiras decepções, a realidade se instala entre os “dois-que-tentavam-ser-um” e revela o que estava sendo negado: a incompletude.

Maria Rita Kehl afirma que dessa decepção “revivida” na paixão amorosa – uma reedição das primeiras frustrações infantis - o outro pode voltar a se mover, pode ganhar vida própria, independência, existência para além do desejo onipotente e o amor pode se instalar ou morrer¹⁵.

¹² Segundo Maria Rita Kehl, o estado narcísico é aquele em que, na vida intrauterina, a criança vive a fusão perfeita com o corpo da mãe e que ela conserva na fantasia nos primeiros meses de vida até que alguma experiência de separação venha desiludi-la. KEHL, M. R. A psicanálise e o domínio das paixões. In: *Os sentidos da paixão*. 11. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 475.

¹³ KRISTEVA, J. *Histórias de amor*. Ob. cit., p. 57.

¹⁴ CHÂTELET, F. (org). *História da filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 38.

¹⁵ Maria Rita Kehl diz que: “o estado narcísico é um estado em que o amor ainda não tem lugar. Para o pequeno ser narcísista, tudo aquilo que é recebido como sendo bom e prazeroso, ele sente como sendo parte de si mesmo. ‘O bom sou eu; o mal é o não-eu’. O primeiro sentimento de

No encontro de Clara e Jaques, após o momento de plenitude, a realidade se impõe. As fantasias amorosas da união completa e perfeita, do início, sofrem as primeiras decepções, apontando para a fragmentação e para a incompletude. A distinção entre os parceiros é então estabelecida. O verdadeiro Jaques surge aos olhos da personagem, assim como ela mesma. Ressurgindo para si, Clara vê-se enquanto ser solitário e quanto a vida do marido independe da sua.

Clara, contudo, havia se ligado ao marido como um satélite ao redor de um astro maior. Sem força e sem vontade própria, a sua existência dependia do desejo dele. No marido, ela se idealizara e se apagara. A esse respeito diz o narrador:

“que do seu passado (de Clara), do que tinha sido antes de conhecer o marido nada mais a importava. Ele dera-lhe um novo nascimento. Tudo o que conservava do seu tempo de solteira era porque servia a ele e tudo o que não lhe servia, ela rejeitava”.¹⁶

Clara é a subjetividade dependente que, desejando o absoluto, não aceita a falta.

O amor quer a totalidade. Esse absoluto que foi, no mito, antes da queda do homem, ou que foi a vida intrauterina. Aquilo que, definitivamente perdido, sobrevive e renasce sempre nas fantasias amorosas. Se pudesse, o amor conduziria os amantes de volta à fusão, mas não pode. A realidade do amor é inimiga do absoluto. Clara e Jaques como representantes do amor romântico, ainda que de forma diferente, querem o absoluto.

Jaques só é capaz de viver a paixão, o que é “forte e efêmero”, e, portanto, recusa o morno e conformado amor burguês enlaçado pelo casamento.

O protagonista é um homem de aventuras, de amores fortes e rápidos. Nesse aspecto, pode ser aproximado a D. Juan, símbolo dos amores intensos que fazem parte do tempo breve e da compulsão à mudança.

Olgária Matos, em *Reflexões sobre amor e a mercadoria*, comentando os amores curtos, diz que:

“Dom Juan seria entendido como a outra face de Tristão e Isolda em sua inversão porque há nele uma ‘sede de absoluto’. Porque em cada amor se

diferenciação criança-mundo é o ódio. Ela só vem a sentir amor por um objeto fora de si mesmo depois de ter sido frustrada algumas vezes pela mãe. Só depois de algumas frustrações é que a criança consegue perceber que o objeto gratificante que ela pensa ser parte dela mesma não é. O objeto que satisfaz é o mesmo que frustra. O amado e o odiado são um só – ambivalência que nos acompanha pela vida toda. Ambivalência que é da essência de toda relação amorosa, pois o objeto que satisfaz também frustra, e o absoluto não se recupera mais... (...) Acrescenta Kehl: Todas as situações vividas pela criança em seus primeiros contatos com suas demandas pulsionais e com as formas apaixonadas que essas pulsões vão adquirindo são revividas na paixão amorosa. A primeira fantasia que surge nas relações apaixonadas da vida adulta é a da restauração de nosso narcisismo primário é a de encontrar no ser amado sua total completude. (...) Da decepção revivida na paixão amorosa – uma reedição das primeiras frustrações infantis – o outro pode ganhar vida própria e o amor pode nascer. Ou não”. KEHL, M. Rita. Ob. cit., pp. 475-479.

¹⁶ CARDOSO, Lúcio. *Dias perdidos*. Ob. cit., p. 16.

procura a perfeição e porque esta não pode ser encontrada em sua plenitude em nenhum objeto de amor, dada a fragmentação do eu e do outro – Dom Juan vive de passagem.”¹⁷

Reiterando, Camus afirma que D. Juan é a culminância lógica de uma vida inteiramente penetrada pelo absurdo e o desenlace de uma existência voltada para alegrias sem dia seguinte¹⁸.

O amor curto não é, no caso do protagonista cardosiano, o amor breve, descartável e superficial das relações amorosas da sociedade de consumo moderna. O amor é breve, pois só é entendido enquanto sentimento intenso e total. Neste aspecto, para Jaques, o sentimento morre após as primeiras desilusões, já que não é capaz de atender aos desejos de sua individualidade auto centrada em busca do absoluto.

Em Clara, o que se tem é a individualidade dependente que não aceitou a evidência da incompletude e do fim do amor. Desse modo, ainda que, no íntimo, soubesse que mais cedo ou mais tarde estaria tudo consumado, luta para manter o marido a qualquer preço.

A personagem diz para si mesma que:

“não cederia, não permitiria que ele a abandonasse, que fizesse com ela o mesmo que já fizera com tantas outras...”¹⁹

E, numa última tentativa de retê-lo, engravida. O filho nasce. Sílvio, ao contrário, ajuda a concretizar o desejo de liberdade do pai. Com o nascimento do menino, Jaques acredita ter cumprido o seu papel: “nada mais poderia conceder à mulher” e “nada mais ela poderia desejar, além de uma criança”. Com esse pensamento, conclui que “a mulher iria se resignar cuidando do filho que se tornaria o alvo de sua atenção”. Guiado por este pensamento, sente-se desobrigado e livre para partir: “ir onde quisesse ganhar o sertão”²⁰.

Clara revolta-se com a descoberta de que nada mais era na vida do amado senão um nome do passado e aquele que, a princípio, era visto como o elo que o manteria junto a si, transforma-se em elemento deflagrador da sua partida. Tornando-se o elemento causador da perda do amado, a criança recebe da mãe o ódio e o desprezo que caberiam ao marido e, por fim, indiferença.

Freud afirma que uma das experiências dolorosas do homem, talvez a mais dolorosa, é a separação definitiva daqueles a quem se ama²¹. Maria Rita Kehl completa que, apesar da dor, o mundo da desolação pela perda ou afastamento do ser amado pode ganhar vida desde que o apaixonado conseguia suportar a desilusão fundamental de não formar um todo indissociável com o objeto de seu amor, sendo capaz, deste modo, de elaborar o luto.²²

¹⁷ MATOS, Olgária. Reflexões sobre o amor e a mercadoria (1978). In: *História viajante – notas filosóficas de Olgária Matos*. São Paulo: Studio Nobel, 1997, p. 115.

¹⁸ CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Trad. Urbano T. Rodrigues e Ana de Freitas. Lisboa: Livros do Brasil, 1987, p. 10.

¹⁹ CARDOSO, Lúcio. *Dias perdidos*. Ob. cit., p. 11.

²⁰ *Ibidem*. p. 10.

²¹ MATOS, Olgária. Ob. cit., p. 115.

²² KEHL, Maria Rita. Ob. cit., p. 480.

No ensaio *Luto e melancolia*, Freud assinala que o luto é, em geral, a reação diante da perda de um ser amado ou de algo equivalente. Acrescenta que, no luto, existe uma causa determinada, a perda concreta de alguma coisa²³. O que significa dizer que, para que o luto seja efetivado, tem de haver a noção real, concreta e irreversível da perda do objeto amado.

Quanto à Clara, o luto se mostrou impossível. O marido não sofreu a morte física e nem foi dado ao relacionamento de ambos um fim determinado. Nenhuma palavra ou ato consolidou o rompimento do matrimônio. Jaques apenas partiu, deixando Clara na incerteza quanto ao seu retorno. Além do que, nessa dolorosa instabilidade, a personagem passa da inicial identificação com o *objeto de desejo* para a incorporação do objeto e por fim à identificação com o *desejo do objeto*. Ou seja, Jaques acaba se tornando para Clara uma abstração: a representação do sentimento que nela foi despertado por ele e com o qual ela o identifica.

Olgária Matos observa a existência de um *objeto de desejo* e de um *desejo do objeto*. Segundo a filósofa, a angústia em se ignorar quem se é e o que se é leva à perturbação da identidade e das identificações, que só adquirem pertinência em relação de reciprocidade²⁴. Mas, nessa relação de reciprocidade, a identificação do sujeito não pode ser estabelecida através do sentimento que o outro faz surgir. Pois, desta forma, o que se tem é a dissolução do ser na abstração. Aquele que ama não é capaz de separar o objeto do desejo do sentimento despertado por ele. Assim, o que se verifica é um luto irrealizado e irrealizável. E, em seu lugar, instala-se definitiva a melancolia.

Sem o amor de Jaques, a existência de Clara adquire o aspecto de uma travessia para desolação. A vida da personagem deixa de ter significado e, ela mesma, sentindo-se indigna da existência, imerge num “estado melancólico”²⁵, entregando à indiferença, ao abandono e ao autoenvilecimento:

“Já não arrumava a casa como nos primeiros tempos, descuidava-se dos objetos que tanto lhe tinham custado, deixava as plantas morrerem à

²³ FREUD, Sigmund. *Sigmund Freud*. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud (1914 – 1916), 1. ed., Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 275, v. XIV.

²⁴ MATOS, Olgária. Amor e cidade, amor na cidade: Walter Benjamin (1995). In: *História viajante: notas filosóficas de Olgária Matos*. Ob. cit., p.129.

²⁵ No ensaio já citado, *Luto e melancolia*, Freud assinala que a melancolia é um estado de ânimo profundamente doloroso. É uma cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição da autoestima a ponto de encontrar expressão em autorrecriminação e autoenvilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. A seguir, Freud acrescenta pontos de diferença entre a melancolia e o luto. Diz que a melancolia tem características semelhantes ao luto, mas, neste caso, existe uma causa determinada, a perda concreta de alguma coisa. Já a melancolia prende-se à perda de uma coisa de natureza mais ideal. O objeto talvez não tenha realmente morrido, mas tenha sido perdido enquanto objeto de amor. O melancólico exhibe ainda outra coisa que está ausente no luto – uma diminuição de sua autoestima, um empobrecimento de seu ego. No luto, é o mundo que se torna vazio; na melancolia, é o próprio ego. O ego do paciente é desprovido de valor. E, assim, sentindo-se incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível, ele se repreende e se enviltece. A autorrecriminação do melancólico, segundo Freud, não se aplica primordialmente ao próprio paciente, e sim ao objeto amado que foi perdido. Talvez por isso, o melancólico não se mostre submisso e humilde; ao contrário, apresente uma postura de injustiçado e de revoltado, em virtude de ter sido destroçada a relação objetiva. FREUD, S. Luto e melancolia. In: *Sigmund Freud*. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud (1914 – 1916). 1. ed., Rio de Janeiro: Imago, 1974, pp.275, 276, 277 e 281, v. XIV.

míngua, passava dias inteiros sem abrir as janelas. (...) A si mesma, agora que Jaques não estava mais presente, indagava para que os vestidos novos, para que cuidar da casa, se nenhum interesse encontrava naquilo? (...) E a cada dia que passava, mostrava-se mais relaxada, com os vestidos sujos, os cabelos despenteados, numa indiferença que atingia os limites da aberração. (...) E o filho (...). (...) cuidava da sua alimentação, fervia o leite, penteava-lhe os cabelos crespos. Mas tudo sem calor, sem entusiasmo, com a minúcia e a apatia de quem cumpre trabalhos forçados.”²⁶

[...]

“Tudo cessava de existir em torno dela desde que Jaques não existia mais. Todas aquelas coisas, roupas, móveis, a janela que o vento fazia bater, os seus desejos, o futuro de seu filho – tudo existia porque Jaques respirava (...).”²⁷

Em outros momentos, sentindo-se injustiçada, Clara revolta-se:

“Nada justificava a partida de Jaques, nenhum gesto, nenhuma incompreensão, nenhuma disputa. E agora ela estava sozinha naquela casa, com um filho pequeno, sem ouvir voz humana durante dias seguidos. Era isso que a revoltava. Porque é que devia permanecer fiel e aguardar, quando ela também podia possuir as suas inclinações e os seus desejos? Vinha-lhe uma revolta imprecisa, adivinhando que o papel da mulher era inferior ao do homem. Ele não precisava de todo aquele artifício para reter uma criatura junto de si, ele não tinha essa necessidade sufocante de sentir um ser aprisionado à sua vida, como era a sua própria necessidade, como era a necessidade vital de tantas que tinham criado um lar e isolado esse lar do resto do mundo (...) e a sua revolta já não permanecia apenas na superfície da consciência, criava formas, patenteava-se no seu modo de viver e nos hábitos que ia adquirindo.”²⁸

Ainda que Clara se mostre consciente de ser uma criatura condenada a uma vida partida, antiteticamente, ela aspira a compensar a queda melancólica, “re-ascendendo” à totalidade que o amor lhe possibilitou vislumbrar. E, assim, diante da carência, mesmo sabendo que tudo é pura ilusão, que certos laços quando rompidos não podem ser reatados, imagina a cada instante recomeçar e reatar os elos quebrados.

Cerca de um ano havia passado desde que o marido se fora e, ainda que a personagem houvesse recebido como notícia apenas uma carta e dois bilhetes lacônicos: “estava bem, mandava lembranças”²⁹, decide ir à sua procura.

Ao reencontrar Jaques, se, por momentos, a personagem acredita que pode dar vida nova à chama extinta, logo vê ruírem todas as suas ilusões. Pela segunda vez, é abandonada. Sem consciência nítida do que estava fazendo, inconformada, segue em seu encaicho. Deparando-se com o marido em uma pequena praça da cidade vizinha,

²⁶ CARDOSO, Lúcio. *Dias perdidos*. Ob. cit., pp. 15, 16.

²⁷ *Ibidem*. p. 22.

²⁸ *Ibidem*. p. 15.

²⁹ *Ibidem*. p. 25.

mas falta-lhe coragem para se aproximar. Observando-o à distância, sente a inutilidade de tentar insistir, percebe, também, a profundidade do amor e da admiração que ainda tinha por ele. Nesse instante, olhar e fantasia se completam.

Diante da incapacidade de dominar a realidade e de conviver com os seus fracassos, a personagem transforma o amado em abstração divinizada. Nesse processo, a identificação do objeto é prejudicada. Clara busca rememorar cenas antigas tentando estabelecer uma relação entre a imagem que vê no coreto e a do homem que a havia amado, porém a figura diante de si não se encaixava à do passado. Eram

“dois Jaques diferentes, o que lhe pertencera e o que ela jamais alcançaria. As duas imagens não se reajustavam e entre elas, a cada momento, um desajustamento parecia crescer como um abismo.”³⁰

Acrescenta o narrador:

“Sem dúvida o seu amor ainda existia, mas era um amor que não cabia nos limites humanos, que o extravasava com uma força de adoração. Mais tarde, muito mais tarde, quando Jaques regressasse ao lar, velho e doente, compreenderia que mais uma vez as duas imagens não se reajustavam. Fiel ao que estava gravado no fundo da sua consciência, ela odiaria então o companheiro arruinado pela idade, sem conseguir dominar a sensação de estranheza que a sua presença lhe causava.”³¹

215

Constata-se que, para a personagem, o que existe não é mais o objeto e sim a representação do “desejo do objeto”. Essa representação, como antecipa o narrador, irá perdurar, gerando outras abstrações e desencontros, e sobreviverá, anos depois, quando o marido volta ao lar. Antes que isto ocorra, Clara, certa de que só pecados terríveis contra Deus poderiam ter causado um sofrimento como o seu, lança-se em uma vertiginosa entrega à religião como meio de apaziguamento de sua dor e para a expiação da culpa por haver perdido Jaques.

Clara nunca esquecerá completamente o marido. Apenas com o passar dos anos, no mesmo passo em que a sua dor ia atenuando, a sua fé e sentimento de culpa iam arrefecendo. Concluindo, ela interroga-se:

“Afim! a sua história tinha sido bem simples, não valia a pena sobrecarregar a consciência com faltas imaginárias. Qual fora realmente a sua culpa, de que terrível pecado poderia se acusar?”³²

Por fim, o narrador, referindo-se à entrega da personagem à religião, acrescenta:

“Finalmente, ela própria se cansou daquela comédia.”³³

³⁰ *Ibidem.* p. 27.

³¹ *Ibidem.* p. 27.

³² *Ibidem.* p. 34.

³³ *Ibidem.* p. 33.

O investimento religioso da personagem jamais significou fé verdadeira. É o que confirma Áurea, anos depois, ao rever os sentimentos da amiga:

“Incansável, ela repassava o que tinha sido a vida religiosa de Clara nestes últimos tempos. Lembrava de uma época em que a companheira parecera mais inclinada aos mistérios da religião, quando Sílvio mal abria os olhos para a vida. Naquele tempo distante ela se vestia com roupas escuras, quase não falava e vivia na capela, desafiando intermináveis terços. Áurea percebera que não existia nenhuma realidade naquele sentimento (...). E, de fato, todo aquele fervor fora desaparecendo (...). Agora era aquele completo descaso (...), aquela indiferença frente às coisas da Igreja.”³⁴

Em *Dias perdidos*, os protagonistas não têm acesso à Graça Divina. Deus, silencioso e inatingível, abandonou os seres às dores terrenas. Em um de seus momentos de desespero, Clara demonstra como se sentem estes órfãos do amor divino:

“(…) apaziguado o tumulto do seu coração, ousava enfim fitar as coisas em torno com olhar menos hostil, sentindo-se no meio delas uma pobre coisa desamparada da graça de Deus.”³⁵

Sem a Graça, a fé foi para Clara uma abstração sem consistência com que tentou apaziguar a ausência do marido. Também não houve aceitação real da perda do amor, o que levou Clara a abstrair o objeto amado. Em suma, não houve a elaboração do luto e o sofrimento da personagem não foi solucionado. E, assim, dias de abatimento mortal continuaram ocorrendo em sua vida. O vazio que se instala na personagem abre espaço para sentimentos opostos. Ela oscila entre o desânimo mortal e o desejo intenso de vida, que, no entanto, não encontrava caminho para a realização.

Em alguns momentos, Clara desesperava-se com o nada em que havia se transformado a sua existência. Em outros, medindo o tempo perdido, mergulhava na abstração de amores imaginários. Desejava viver e sentir o que estava além do seu alcance e o seu destino atual tinha afastado e inutilizado para sempre.

Perdida em abstrações, em desejos irrealizáveis, revoltada com os desencontros de sua existência, a personagem odiava cada vez mais “a miséria em que se tinha cristalizado a sua vida”³⁶.

É Maria Rita Kehl quem diz que tanto *Eros* quanto *Thanatos*, no limite, buscam a mesma coisa – o retorno a um estado anterior prazeroso -, que não é um, nem outro que move a vida, mas a tensão constante, dialética entre os dois. O que mantém ligada a trama das pulsões é que eles todos são conservadores: e enquanto *Thanatos* busca o repouso, *Eros* busca o estado de fusão narcísica com o outro, que nos promete a abolição da confrontação cansativa e ameaçadora.³⁷

³⁴ *Ibidem.* p. 225.

³⁵ *Ibidem.* p. 86.

³⁶ *Ibidem.* p. 85.

³⁷ Segundo Maria Rita Kehl, *Thanatos* quer a abolição de todas as tensões, o grau zero de energia, já que a vida é tensão, excitação, irritação da matéria. Já que o desejo não encontra satisfação definitiva e não para de renascer de suas satisfações efêmeras, *Thanatos* deseja a abolição do desejo; o retorno

Na personagem, a ânsia pela totalidade jamais se apagou, apenas, com o tempo, os seus desejos foram sendo substituídos pelo hábito de sofrer e por uma resignação obrigatória determinada pela incapacidade de reverter o que estava perdido.

Quando tudo se encontrava nesse estado de latência, Jaques retorna. Velho e doente, ele não despertou na esposa o antigo amor. Antes, causou-lhe estranheza e piedade, que logo se transformaram em ódio e repulsa. Aquela criatura que, agora, sem licença, estava diante dela, agravando os problemas da sua vida, nada tinha em comum com a representação do ideal de seu amor. A imagem decrépita e doente apenas confirmava a irreversibilidade em resgatar o passado. Culmando o marido por tudo que havia perdido, abandona-o à própria solidão e agonia que chega após longo sofrimento.

Com a morte de Jaques, Clara voltou à vida habitual envolta na amargura e na solidão. Os anos passam e, por fim, resignada, aceitou a velhice e a doença incurável que a levou à morte pouco tempo depois.

Através da vida da personagem, o autor tece a história de uma mulher que não aceitou a perda do objeto amado e viveu e morreu dominada por ilusões.

Maria Rita Kehl mostra que ao seduzido e abandonado só resta o difícil caminho de recuperar o conhecimento de si mesmo que o sedutor lhe roubou e para encontrar novamente o amor é necessário que aceite as perdas e abra mão das idealizações.³⁸

O desejo de completude persiste sempre enquanto a vida não cessa. Não existe objeto que satisfaça plenamente o desejo. É justamente por isso que o desejo não para de renascer de cada pequena satisfação, de cada pequeno repouso. É também por isso que a vida é tensão permanente, movimento permanente: o que não se encontra aqui, se vai buscar noutro lugar; se não se encontra o absoluto, segue-se perseguindo tudo o que se aproxima das representações da perfeição. No entanto, nesta busca só aquele que bem elabora suas fantasias consegue transitar entre o real e o ideal. Às vezes, toma um pelo outro para se equilibrar entre os dois níveis em que se processa o estado amoroso. Mas, somente quando o indivíduo consegue se equilibrar entre o amor por si mesmo e pelo outro e entre o real e a fantasia é que não corre o risco de ser engolfado pela vertigem da paixão e da carência. Só desta forma será capaz de, em caso de perda, seguir em frente.

Em *Dias perdidos*, a impossibilidade da plenitude no encontro amoroso insinua-se pela inquietação de um “desejo-outro” acenando para além do objeto. A protagonista, mantendo-se presa em seus fantasmas, não é capaz de se reconciliar com eles e, deste modo, e de tecer o encontro consigo mesma e com a possibilidade de outro recomeço.

à matéria inanimada da qual um dia, por acaso extremo, a vida se gerou da coesão improvável, e até hoje misteriosa, entre algumas moléculas. A vida é uma espécie de vitória sobre alguma coisa – sobre a força conservadora do inorgânico. Somos todos sobreviventes de nossa vontade de morrer, porque o organismo, uma vez jogado à vida, quer se conservar assim quer a acomodação suave a esse repouso que, na realidade, não conhecemos, mas que está representado no inconsciente. Mas a representação mais próxima do repouso absoluto que temos marcada pela experiência no nosso inconsciente não é a morte – já que ainda não morremos – e sim a vida intrauterina: a fusão perfeita com o corpo materno, quando não há desejo porque todas as necessidades estão suprimidas continuamente. É desse período que o ser tira a “memória” do repouso; e é por isso que, enquanto busca o repouso que pode ser a morte, está buscando o repouso do contato, da fusão com o outro. KEHL, Maria Rita. A psicanálise e o domínio das paixões. In: *Os sentidos da paixão*. Ob. cit., pp. 474, 475, 477.

³⁸ KEHL, Maria Rita. Masculino/feminino: o olhar da sedução. Ob. cit., p. 421.

No sombrio e desagregado universo cardosiano, a felicidade, a harmonia e o encontro são vislumbres reservados ao plano inacessível das abstrações. A essência que se depura dos laços entre os seres é o desencontro e a solidão.

Referências bibliográficas

- BRANDÃO, Junito. *Dicionário mítico-etimológico*. 3.ed., Petrópolis: Vozes, 1997, v.I.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Trad. Urbano T. Rodrigues e Ana de Freitas. Lisboa: Livros do Brasil, 1987.
- CARDOSO, Lúcio. *Dias perdidos*. Civilização Brasileira, 2006.
- CHÂTELET, F. (org). *História da filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- FREUD, Sigmund. *Sigmund Freud*. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud (1914 – 1916). 1. ed., Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIV.
- KEHL, Maria Rita. *Os sentidos da paixão*. 11. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- KRISTEVA, J. *Histórias de amor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- MATOS, Olgária. Reflexões sobre o amor e a mercadoria (1978). In: _____. *História viajante – notas filosóficas de Olgária Matos*. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- MILLET, Sérgio. *Diário crítico* (1940 – 1943). São Paulo: Editora Brasiliense, 1944.
- PESSANHA, José Américo Motta. Platão: as várias faces do amor. In: *Os sentidos da paixão*. 11 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2000.